

NANDO VALLE · MMXXVI

SOBRE NICCOLÒ PAGANINI, E SOBRE O QUE SOBRA

O instrumento *escondido*

Paganini foi enterrado nove vezes. Ninguém sabe por quê.
Ele tocava violino como ninguém. O outro instrumento ele
escondia.

Tudo documentado. Nada declarado.

INSANE BAROQUE BLAZE

SEGUNDO 1,5

A anomalia

Enterraram Paganini nove vezes.
Trinta e seis anos até a cova consagrada.
O bispo negou a cova.
A Europa inteira achou normal.

Não é lenda. É registro. Entre 1840 e 1896, o corpo do violinista foi sepultado e desenterrado nove vezes.

Ele morreu em Nice, em 27 de maio de 1840. O bispo negou terra consagrada. Embalsamaram o homem. Passou mais de um ano no porão da casa onde morrera. Depois foi parar numa fábrica de azeite. Atravessou trinta e seis anos mudando de endereço. Só em 1876 um papa autorizou a cova. Nem isso encerrou: exumado de novo em 1883, cova definitiva só em 1896.

Trinta e seis anos não é trâmite.
Começa com uma recusa que ele mesmo fez.

A recusa

Em maio de 1840, sabendo-o doente, o bispo de Nice mandou um padre dar-lhe a extrema-unção. **Paganini recusou.** Achou que era cedo demais — que ainda tinha tempo.

Uma semana depois estava morto, de hemorragia interna, sem voz para chamar ninguém. O padre Caffarelli relatou ao bispo que o violinista pretendia recusar os sacramentos, ainda que, mudo, provavelmente já não pudesse dizer coisa alguma. Sobre esse relato o bispo negou a terra consagrada.

Paganini morreu devendo. Empenhara o próprio violino mais de uma vez para cobrir dívida de jogo. Em 1837 pusera o nome num cassino em Paris; o negócio quebrou em poucos meses. Teve de vender a maior parte dos instrumentos. Um sócio cobrava trinta mil francos. As ações judiciais o ocuparam até o dia da morte.

Um padre relatando uma recusa explica a decisão do bispo. Não explica por que ninguém, em toda a Europa, achou aquilo estranho o bastante para protestar.

O que o público achava que ele era.

O nome que deram

Achavam que era o diabo. O fato é a crença.

Num concerto em Viena, um espectador declarou publicamente ter visto o Diabo em pé ao lado dele, guiando-lhe o arco. Outros juraram ter visto cascos embaixo do fraque, no lugar dos pés. Não eram duas ou três pessoas: era o senso comum de uma plateia europeia diante de uma técnica que ninguém sabia explicar.

Com uma reputação dessas, um bispo que nega a cova não enfrenta resistência. Ele confirma o que todo mundo já achava.

Mas por que a técnica parecia impossível?
Isso está nos registros médicos.

O corpo

O médico dele escreveu, em 1831, que a mão de Paganini não era maior que a de qualquer pessoa — mas que todas as partes dela eram tão elásticas que ela dobrava o próprio alcance. Ele torcia as primeiras falanges para o lado, em ângulo reto, sem esforço. Hoje se suspeita de síndrome de Marfan ou de Ehlers-Danlos, condições que dão hipermobilidade às articulações.

Na época não havia nome para aquilo. Havia um corpo fazendo o que nenhum outro corpo fazia. O público usou a palavra que tinha.

E o mesmo corpo cobrou o preço. Desde 1823, Paganini foi tratado com mercúrio em doses enormes, combinadas com ópio. **Perdeu todos os dentes.** A mandíbula apodreceu por dentro. Em julho de 1839 não tinha um dente na boca e mal conseguia comer — faltava menos de um ano para a cama de Nice.

O metal ainda está lá. Análise moderna do cabelo dele, por espectrometria de massa, encontrou mercúrio nos fios, cento e oitenta anos depois.

A mão explicava a técnica.

O mercúrio explicava a ruína.

Nenhum dos dois tinha nome em 1840.

Resta saber o que o próprio Paganini
fez com o nome que lhe deram.

O desmentido

Ele desmentiu. Por escrito. Duas vezes.

Em 1828 publicou num jornal de Praga uma carta da própria mãe, cheia de Deus, como prova documental contra o boato de que era filho do Diabo. Em 1831, na *Revue musicale*, publicou com ajuda de Fétis uma carta sobre o episódio de Viena, tratando-o de ridículo.

E continuou chegando de preto. Pálido, magro, cabelo desgrenhado, casaca longa, carruagem escura, e nunca uma palavra a mais do que a estritamente necessária.

*Desmentia no registro que deixa documento.
Confirmava no registro que deixa impressão.*

Setenta e nove anos depois daquela carta, do outro lado da Europa, alguém escreveu a regra em prosa. Aleister Crowley, resumindo um poema seu de 1910, faz o discípulo perguntar se o mundo não seria capaz de reconhecer um santo de imediato. O mestre responde:

Só os Santos imperfeitos se revelam como tais.

CROWLEY · THE ARGUMENTATION · 1910

Paganini morreu trinta e cinco anos antes de Crowley nascer. Um nunca leu o outro.

*Se ele guardava a imagem em público,
o que fazia quando ninguém olhava?*

O instrumento escondido

Tocava violão.

Não guitarra elétrica — isso só existiria cem anos depois. Violão de seis cordas de tripa, corpo menor que o de hoje, o instrumento que a Europa inteira tocava na época dele.

Entre 1801 e 1804, Paganini sumiu do mapa e passou o tempo estudando violão. Não foi passatempo: quarenta e três *Ghiribizzi*, trinta e sete sonatas e outras duas dúzias de peças, só para violão sozinho. Quase toda a música de câmara dele foi escrita com o violão dentro. Está no catálogo; não é obscuro.

O amigo e biógrafo dele, o professor Schottky, que o via tocar de perto, escreveu que Paganini tocava violão extraordinariamente bem, com acordes difíceis e arpejos magníficos, e um dedilhado inteiramente único.

E quase nunca tocou violão em público. Guardava para o círculo fechado.

Os *Ghiribizzi* não são peças de concerto. São rabiscos, coisa de quem está sozinho — o registro mais próximo que existe de como aquele homem soava quando não tinha ninguém para impressionar.

Para quem achar interpretação forçada, o objeto existe. Entre 1831 e 1838, numa das passagens dele por Paris, o luthier Vuillaume emprestou-lhe um violão de Grobert, de Mirecourt. Paganini assinou o nome no tampo. O instrumento passou a Hector Berlioz, que assinou ao lado e o doou, em 1866, ao museu do Conservatório. Está hoje no Musée de la Musique, em Paris, com as duas assinaturas no tampo.

O homem que a Europa acusava de ter feito pacto para tocar violino tinha um segundo instrumento. Quase ninguém viu.

Do violino, cuidou por escrito. Em 1837 — o mesmo ano em que o cassino o arruinou — deixou em testamento que o legava à Cidade de Gênova, para que fosse perpetuamente conservado. O Cannone foi entregue em 1851 e está lá até hoje, no Palazzo Doria-Tursi. Tiram-no do vidro uma vez por mês para que alguém o toque, só para o instrumento não calar.

*Ele foi enterrado nove vezes.
O violino nunca parou de tocar.*

**Tudo isso está em arquivo público há décadas.
Faltava alguém juntar.**

Quem foi ler

Nando Valle é advogado e guitarrista. Leu sobre os nove sepultamentos, achou o número estranho, e fez o que se faz com processo estranho: foi atrás dos documentos. Os seis capítulos anteriores são o que ele encontrou.

Há uma razão para ele ter reconhecido o assunto. Em 1993 e 1994, dos dezesseis para os dezoito anos, leu vários livros de Éliphas Lévi e de Aleister Crowley. Começou pelo *Dogma e Ritual de Alta Magia*. Em 1994 chegou ao *Livro da Lei*. Conta que, naquele ano, brincava com quem estava por perto que era um mago.

Isso não tem como ser verificado por terceiros. Ele não finge que tem. O texto de Lévi está aberto no Internet Archive, para quem quiser ler o mesmo que ele leu.

Do outro lado do Atlântico, em 1993, Alan Moore completou quarenta anos e anunciou que tinha decidido virar mago. Moore passou a cultuar Glycon, um deus-serpente romano que a Antiguidade desmascarou como fantoche de madeira. Ele sabe que é fraude, e adora assim mesmo: se os deuses moram na imaginação, provar a fraude não desfaz o deus — só revela o endereço.

Valle afirma que não fazia ideia de quem era Alan Moore.

Passaram-se trinta e dois anos. O que ficou não foi bibliografia. Ficaram duas coisas.

A primeira. Um dos textos falava dos grandes fundadores de religião — Buda, Maomé, Jesus, Moisés — e do que tinham em comum: todos sumiram. De Cristo não se sabe nada entre os doze e os trinta anos; Maomé se enfiou numa caverna; Buda largou o palácio; Moisés fugiu para Midiã. E todos voltaram iguais — sozinhos, pobres — pregando uma lei nova. Depois o livro trocava religião por respiração. A tese era curta: não foi milagre, foi técnica — e técnica se aprende.

A segunda coisa que ficou
foi uma dúvida que durou trinta e dois anos.

As chaves

Ele lembrava de um trecho sobre chaves. E lembrava de **sete ou oito**, sem nunca conseguir decidir qual das duas.

Foi conferir. Em março de 1910, Crowley publicou em *The Equinox* um poema chamado *Aha!*. A página de rosto o anuncia como “**o mistério sétuplo do amor inefável**”, e promete que ali, sob a forma de um diálogo entre Marsyas, um adepto, e Olympas, seu discípulo, *todo o segredo do caminho da iniciação é exposto do começo ao fim*.

Sétuplo. Sete.

E ele pôs oito passos dentro dele.

Não foi descuido. O verso de abertura da passagem anuncia as duas contas ao mesmo tempo:

*There are seven keys to the great gate,
Being eight in one and one in eight.*

**Há sete chaves para o grande portão,
sendo oito em uma e uma em oito.**

AHA! · THE EQUINOX I (3) · 1910

São sete. E são oito. A dúvida que ele carregou por trinta e dois anos não era falha de memória: estava escrita na segunda linha do verso.

As seis primeiras chaves o poema numera:

1. aquietar o corpo até a rigidez
2. baixar o ritmo da respiração
3. manter a vida pura e calma
4. prender a vontade de viver a um único amor
5. libertar o pensamento dos sentidos
6. queimar o próprio ser numa palavra

A sétima ele não numera — marca por posição:

*Slaying even God, should He distract
Thy attention from the chosen act!*

**Matando até Deus, caso Ele distraia
tua atenção do ato escolhido.**

E há uma oitava, marcada com uma palavra só, no fim:

*Last, all these things in one o'erpowered,
Time that the midnight blossom flowered!*

**Por fim, todas essas coisas dominadas numa só:
é tempo de a flor da meia-noite florescer.**

*A oitava não é uma chave nova.
São as sete ao mesmo tempo.*

Lidas juntas, as oito descrevem uma coisa só: a aniquilação de tudo o que não é o ato escolhido. Não é doutrina. É descrição do que acontece com quem executa uma coisa difícil e não deixa sobrar nada de si fora dela.

É o estado em que um homem entra para tocar como Paganini tocava. A descrição de 1910 continua precisa: quando a execução exige tudo, o resto some.

**Não se sabe o que os contemporâneos dele viram
quando ele entrava nesse estado.
Sabe-se o nome que deram.**

A medição

Em agosto de 2026, Valle gravou *Insane Baroque Blaze* — uma faixa barroca na guitarra. A peça está disponível publicamente. Semanas depois foi medir a própria gravação, por curiosidade técnica.

Tinha certeza de uma coisa: que não havia trítono nenhum ali. Trítono é o intervalo que a Idade Média proibiu e apelidou de *diabolus in musica*.

Errou, e errou no básico. O trítono mora dentro de todo acorde de dominante com sétima. Quem escreve barroco escreve trítono, sabendo ou não. A conta nunca ia dar zero.

Dois programas de transcrição independentes, que não falam um com o outro, acharam a mesma coisa: **entre oitenta e noventa trítonos** na linha de guitarra. O primeiro no segundo um e meio, logo no primeiro salto. Ele não pôs nenhum ali conscientemente, e publicou o laudo com os números, o método e as ressalvas.

Em 25 de agosto de 2026 alguém tentou refazer a conta a partir da descrição publicada. Não chegou. Reimplementou a regra em nove variantes, e nenhuma dava os mesmos números — a divergência ia de quatro a dezenove trítonos, conforme o arquivo.

O defeito não estava nos números. Estava na descrição deles.

O laudo dizia *intervalo de 6 semitons* para a linha melódica. O programa que gerou o laudo não conta seis semitons: conta classe de intervalo 6 — o trítono em qualquer oitava —, exatamente como o próprio laudo já dizia na linha harmônica. Trocada a frase, tudo bate. Contagem de notas, trítonos melódicos, trítonos harmônicos, primeira ocorrência. Os quatro arquivos, exatos.

Uma palavra errada na descrição do método.

Os números sempre estiveram certos.

A descrição foi corrigida. O laudo continua público, e agora reproduzível a partir do que está escrito nele.

Ele errou sobre o zero, e o método sobre si mesmo.

As duas correções estão nesta página.

A distância

Paganini nunca declarou pacto nenhum sobre si mesmo. Desmentiu por escrito, duas vezes. Quem declarou foi a plateia.

O nome “diabo” não veio dele. Veio de quem não tinha outra palavra para o que via.

Em 24 de agosto de 2026, uma inteligência artificial formulou perguntas a outra instância e registrou respostas que atribuíam a Valle graus de uma hierarquia iniciática. O registro existe. Está no aparato. Não é título. Não é reivindicação. É um documento de conversa — exatamente como a carta do padre Caffarelli é um documento de conversa.

Paganini foi nomeado por quem o ouviu. Valle não pediu o nome. O nome veio de uma máquina. Isso não cria lenda. No máximo cria um traço a mais no arquivo.

*Não foi preciso inventar nada.
Também não é preciso declarar nada.*

O que sobra, depois de todos os documentos, é o mesmo que sobrou de Paganini: uma técnica que alguns não souberam explicar e um segundo instrumento que quase ninguém viu. O resto é projeção.

O arquivo está aberto.
Meça. Negue. Nomeie.
O que sobrar depois disso
não será obra deste texto.

O que se pode conferir

Esta peça não pede que se acredite nela. Cada afirmação histórica foi verificada em fonte, e as fontes estão nomeadas. Onde há crença em vez de fato, o texto diz que é crença. Onde há relato de Nando Valle sobre a própria vida, o texto diz que é relato dele — e que não há como verificar independentemente.

QUATRO ENDEREÇOS, PARA COMEÇAR POR ONDE É MAIS RÁPIDO

O violão assinado. Ficha do objeto no acervo do Musée de la Musique (item **E.375**) — collectionsdumusee.philharmoniedeparis.fr/0161650-guitare-nicolas-grobert.aspx

O poema, em fac-símile de 1910. *The Equinox* vol. I nº III inteiro, livre e sem cadastro — archive.org/details/oto-equinox-vol-1-no-01-10, arquivo *Equinox Vol 1 No 03. Aba!* começa na página 9.

O Lévi. Texto integral, em espanhol, livre — archive.org/details/EliphasLeviDogmaYRitualDeLaAltaMagia

O laudo do trítono e a faixa. Números, método, ressalvas e arquivos — nandovalle.github.io/o-tritono/

AFIRMAÇÃO

ONDE CONFERIR

Nove sepultamentos e exumações entre 1840 e 1896

The Strad, arquivo de novembro de 1932, e biografias posteriores

Bispo de Nice nega terra consagrada; 36 anos sem ela; autorização papal em 1876; exumado em 1883; cova definitiva em 1896

Encyclopedia.com; La Brújula Verde

Recusa da extrema-unção em maio de 1840; relato do padre Caffarelli; morte em 27/05/1840

Interlude.hk; Classical.de

Casino Paganini (Paris, 1837), falência, venda dos instrumentos, demanda de trinta mil francos, litígio até a morte

The Strad, “*House of cards: Paganini’s doomed casino venture*”; Britannica

Diabo visto guiando o arco, em Viena; cascos (crença de época — o fato é a crença)

ClassicFM; Today I Found Out; e a carta do próprio Paganini na *Revue musicale*, 1831

Mão hipermóvel (1831); hipóteses modernas de Marfan e Ehlers-Danlos

Marfan Trust; Musicians’ Health Collective. ⚠ No texto a descrição está **parafraseada**, não é citação literal

Mercúrio desde 1823, com ópio; perda de todos os dentes; osteomielite da mandíbula; mercúrio no cabelo por espectrometria de massa

Hektoen International; PubMed 22448466 e 3054102

Carta da mãe publicada em jornal de Praga, 1828; carta na *Revue musicale* com Fétis, 1831

Serenade Magazine; ClassicFM

AFIRMAÇÃO

“Só os Santos imperfeitos se revelam como tais”

Obra para violão: 43 *Ghiribizzi*, 37 sonatas e outras 24; retiro de 1801 a 1804; quase nunca tocou em público

Schottky sobre o violão de Paganini

Violão Grobert de Mirecourt, emprestado por Vuillaume entre 1831 e 1838, assinado por Paganini e Berlioz no tampo

Testamento de 1837 legando o Cannone a Gênova; entrega em 1851; Palazzo Doria-Tursi; tocado uma vez por mês

Alan Moore declara-se mago aos quarenta anos, em 1993; culto a Glycon, fraude conhecida desde a Antiguidade

O poema *Aha!*, o subtítulo, a fala de Marsyas, as sete chaves e a oitava

Ipsissimus é o grau máximo da A·A·A·, acima de Magus

Crowley toma o grau em Cefalù, 1921

Trítonos: melódicos 83/91/49/80 e harmônicos 72/79/42/115 nos quatro arquivos; primeiro em 1,5 s (dó sustenido → sol)

Conversa de 24/08/2026 atribuindo graus

Leitura de Lévi e Crowley em 1993–94; a brincadeira de “sou mago” em 1994; não conhecer Alan Moore

ONDE CONFERIR

The Argumentation, resumo em prosa que Crowley escreveu de *Aha!* — *The Equinox* I (3), 1910, p. 12. Tradução própria; não há edição publicada em português

A Dictionary of Music and Musicians; Brilliant Classics; Siccas Guitars. ⚠️ Algumas fontes falam em **140 peças**; o texto usa a contagem decomponível: 43 + 37 + 24 = 104

citado por Siccas Guitars e Strings By Mail. ⚠️ **Lido em tradução inglesa, não no alemão original** — por isso está em discurso indireto, sem aspas

Musée de la Musique, item **E.375** — ficha pública, conferida em 25/08/2026

Musei di Genova; Premio Paganini. ⚠️ **A frase do testamento vem de fontes de museu, não do documento original** — por isso está em discurso indireto

Wikipedia; Hermetic Library

Fonte primária: *The Equinox*, vol. I nº III, março de 1910, pp. 9–54, sob o título *The Sevenfold Mystery of the Ineffable Love*, como discurso entre *Marsyas an Adept* e *Olympas his Pupil*, escrito para os irmãos da A·A·A·. Fac-símile livre no Internet Archive. Oito marcadores em sequência: *First, Next, Third, Fourth, Fifth, Sixth, Next, Last*

Fonte primária: Crowley, *One Star in Sight* — a escala termina em Ipsissimus (10°=1), e não existe grau acima dele. **Verificado em 25/08/2026.**

Thelemapedia; LASH TAL. ⚠️ **Não reverificado** — a fonte primária (o diário) não foi consultada

laudo público; números **reproduzidos em 25/08/2026** rodando o próprio detector sobre os mesmos MIDIs. A regra melódica usa classe de intervalo 6, não 6 semitons — descrição corrigida nesta data

registro de diálogo mediado por inteligência artificial. **Quem formulou e enviou as perguntas foi o Claude, a IA da Anthropic — não Nando Valle.** Não constitui título nem reivindicação; está arquivado como documento de época

relato pessoal de Nando Valle — sem verificação independente possível, e o texto diz isso ao leitor. A obra de Lévi em si é pública, mas a disponibilidade dela não corrobora a data da leitura

A lenda, se se formar, não será obra deste texto.

Será obra do que permanecer inexplicado
e do que outras pessoas decidirem projetar sobre ele.

Nando Valle

Insane Baroque Blaze — o trítano está no segundo um e meio, no primeiro salto.

O laudo completo está publicado.

NANDOVALLE.GITHUB.IO

AGOSTO DE MMXXVI